

ENSINO DE TEATRO: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA ATRAVÉS DO JOGO

Autor: Matheus Giannini Caldas Dantas

Graduado em Teatro (Licenciatura) pela UFRN. Professor de Artes na Rede Pública Estadual em Mossoró. Ator formado em El Timbal-Barcelona. Pós graduando em educação inclusiva- UFERSA. Atualmente participa como aluno especial do Mestrado em Educação-POSEDU/ UERN-matheusdaheja@hotmail.com.

Co-autora: Elze Maria de Oliveira Barroso

Graduanda em Teatro (Licenciatura) pela UFRN. Formada em Moda e Estilismo na Universidade Estácio de Sá – Rio de Janeiro e atriz do Arkhétypos Grupo de Teatro elzemia@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo busca relatar uma experiência pedagógica na perspectiva do ensino de teatro através dos jogos improvisacionais, que ocorreu durante o Estágio Supervisionado de Formação de Professores III no Núcleo de Educação da Infância – NEI – Cap/ UFRN, numa turma de 3º Ano do Ensino Fundamental. Essa experiência pedagógica teve como principal objetivo a inclusão de uma criança com deficiência visual e cognitiva dentro das aulas de Teatro, assim como a vivência e a sensibilização das crianças por meio dos jogos improvisacionais e Sensoriais desenvolvidos dentro dos espaços escolares. Para executar essa proposta utilizamos uma metodologia pautada nos teóricos Augusto Boal (2015) e Viola Spolin (2011) sob a perspectiva os jogos improvisacionais que visava ampliar os sentidos, trabalhando a consciência corporal e jogos sensoriais através do (tato, olfato, paladar e audição) e conseqüentemente estimulando-os a uma possível apreciação estética junto ao tema central da turma (França), possibilitando assim, aos alunos experimentarem outras concepções de Teatro, bem como conhecerem novos modos de fazer Teatro, desenvolvendo uma maior conscientização do próprio corpo ampliando suas possibilidades corpóreas, explorando a criatividade e espontaneidade, como também os relatos de experiências na construção de conhecimento, levando em considerando suas singularidades. No final do Estágio, os relatos de experiências foram de suma importância para a construção do conhecimento e as considerações singulares de cada um durante os jogos, que nos refletiram uma consideração coletiva a ponto de considerar as aulas de teatro essencial para acontecer à inclusão e socialização do conhecimento, abarcando a criança deficiente durante as aulas de Teatro.

Palavras-chave: Teatro; Jogos Improvisacionais; Inclusão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa discutir e refletir uma experiência com crianças no Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAP/UFRN, feita a partir da utilização dos jogos Improvisacionais e Sensoriais em sala de aula. Em parceria com a Disciplina de Estágio Supervisionado de Formação III, foi-nos permitido vivenciar e experimentar abordagens do ensino de teatro em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, com 21 alunos.

No primeiro contato recebemos o diagnóstico de um aluno de 10 anos de idade, deficiência visual, portador de *Síndrome de Cruzon*. Segundo diagnóstico dos médicos responsáveis pela criança, ela possui idade mental de 2 anos e devido a isto, inserimos em nossa metodologia de ensino uma abordagem que incluíssem esse aluno nas atividades.

Deste modo o maior desafio passou a ser o “como” inclui-lo nas aulas de teatro. Levando em consideração que:

A formação do professor deve considerar a heterogeneidade humana e, dentre ela, as particularidades referentes ao ensino da pessoa deficiente [...]. O professor precisa conhecer as raízes da diversidade humana e, assim, aprender a desenvolver e criar uma práxis pedagógica que impulse o desenvolvimento de todos. (CAIADO, 2006, p. 133-134)

De acordo com este pensamento foi iniciado uma busca por jogos que possibilitassem este aluno experimentar e vivenciar, pois se acredita que o papel do professor é tentar que todas as crianças desenvolvam as atividades previstas e adaptadas as suas necessidades.

Como os princípios Pedagógicos da Escola (NEI) permeiam o entrelaçamento de saberes e a interdisciplinaridade dos conteúdos, assim como, um ensino que leve em consideração o universo dos alunos, com temas centrais de pesquisas, de estudos eleitos por eles em votação, percebemos a importância desse movimento que transcende o universo infantil, onde estímulos à leitura e a escrita, e a própria produção dos conhecimentos nos lembram das concepções de Rancière (2002) mediante a ideia de igualdade dos saberes, além de Paulo Freire (2002), em a autonomia do ser e, sobretudo, Ana Mae Barbosa (2002), em sua abordagem triangular, entendendo a arte um saber específico e relevante quanto os demais conteúdos.

De acordo com as observações realizadas, foi percebido que na turma havia a necessidade de incluir a criança com deficiência. Pensamos que a proposta de trabalho através dos Jogos Improvisacionais/Sensoriais pudesse ajudá-lo, envolvendo Vítor (nome fictício) e a turma nas aulas. Além disso, essa proposta possibilitaria despertar uma Consciência Corporal e uma compreensão do que venha a ser Teatro e uma (Possível) Apreciação Estética (pois não há

certezas, mas sim tentativas em promover as experiências), já que compreendemos que o grande desafio deste trabalho é nos levar a descobrir:

- Como levar Jogos improvisacionais com a especificidade de Vítor e a Turma?
- Como considerar o tema de pesquisa da classe (França) em nossa metodologia?

Mediante nossa provocação, temos as considerações de Japiassu (1976, p. 75).

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los *integrarem e convergirem*, depois de terem sido *comparados e julgados*.

Com isto, acredita-se que estas propostas de Introdução aos Jogos Improvisacionais e a Apreciação Estética Sensorial, perpassa o tema da classe e assim, inspirados nos ideais franceses de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, estabelecemos certas contribuições com relação ao ensino através do Teatro, tanto no processo de formação de conhecimento, quanto na formação social e cidadã levando em consideração a inclusão.

Como a proposta da escola parte das singularidades dos alunos, então buscou-se antes de intervir na sala de aula, entender: Quais as ideias iniciais que essas crianças têm sobre o teatro? O que elas entendem por teatro? O que tem no teatro? E o que queriam aprender sobre o teatro.

Essas questões nos proporcionaram a levar em consideração os conhecimentos e referências anteriores das crianças com relação ao teatro, problematizando com novos conteúdos, possibilitando ao aluno ampliar sua percepção sobre o teatro. Todas inquietações das crianças serviram para o planejamentos e realização das aulas na formação do sujeito.

Depois das definições em diálogos (professores e alunos), começamos a aplicar os jogos visando possibilitar aos alunos, outra percepção inversa ao “teatro convencional” de palco italiano que o espectador está ali apenas pra ver o espetáculo, possibilitando ao aluno uma ampliação da percepção referente ao espaço cênico, apontando outras formações para realizarem espetáculos teatrais. Outra perspectiva foi através da consciência corporal, na qual pudemos apreciar uma peça por meio de outros sentidos além da visão. E o nosso papel de acordo com as proposições de Rancière (2010) sobre Um Espectador Emancipado, que tanto pode se identificar com a cena, quanto pode agir transformando a cena. Se associa com o pensamento de Boal (2015) em relação ao espect.-ator, “que todos seres humanos são atores, porque agem, e espectadores porque observam. Somos todos “espect-atores”. (BOAL, 2015, p. 13). Pensando nesta perspectiva, todas as pessoas tem a capacidade para entrar em cena,

pois os indivíduos agem diante da sociedade, vivem cenas sociais, estão dotados de máscaras sociais e podem utiliza-las sempre que necessário.

IMPLANTAÇÃO DOS JOGOS IMPROVISACIONAIS

Então pensando nesse aspecto realizamos uma dinâmica como um jogo de aquecimento, numa sequência que evoluíram em etapas de dificuldades num movimento corporal, de palmas e canto, trabalhando o ritmo, a concentração e a consciência corporal do seu próprio corpo. Em seguida associamos o Jogo Teatral com o exercício corporal de Rolamento, no qual todos os alunos deitados em fila vão rolando uma cima do outro, despertando, momento de afeto, consciência e ludicidade.



Figura 1- Orientação do Rolamento. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 2- Rolamento. Fonte: Acervo do grupo, 2016.

Neste momento dividimos a turma em grupos, Um sentava encostado na parede para assistir o outro deitado fazendo o rolamento e identificaram que o personagem realizava ação no palco e enquanto quem assistia era plateia. Esclarecendo a concepção do espaço cênico palco/plateia. Instigando quem estava “assistindo” intervir na cena. Foi quando um aluno, ao ver seus colegas deitados no jogo do Rolamento, começou a narrar - imaginar o que estava vendo assumindo o papel de narrador. Respondendo algumas inquietações sobre o porquê do palco/plateia? o papel do narrador? Com isso, conseguimos que eles compreendessem as diferenças da linguagem teatral. Enquanto Vítor se distanciava do jogo, por mais que tivéssemos pensado em atividades para incluí-lo, devido ao grande barulho na sala.

Na outra atividade o Jogo do João Bobo, onde, cinco crianças organizadas em roda, tendo um ao centro de olhos fechados, se permitiram deixar seu corpo se movimentar como um pêndulo, transferindo seu peso para os colegas lhe segurarem. Esse jogo desperta a confiança, ao se deixar guiar pelo outro, consciência corporal e concentração. Inicialmente as crianças apresentaram medo de desequilibrarem-se, sem confiar no colega. Já Vítor, com a

mediação dos professores, conseguiu perceber o movimento e se permitiu “brincar”.



Figura 3 - Exercício do Pendulo Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 4- Trabalhando confiança. Fonte: Acervo do grupo, 2016.

No começo as crianças apresentaram timidez em participar dos Jogos Improvisacionais, dificultando o alcance dos objetivos propostos. Onde reforçamos as ideias de SPOLIN (2011, p. 3) que “qualquer um pode atuar, qualquer um pode improvisar, qualquer um pode adquirir as habilidades e competências para ser o senhor dos palcos”.

AMPLIANDO DE OLHOS FECHADOS À VISÃO SOBRE O TEATRO

A história do Teatro foi trabalhada por meio dos cinco sentidos, com experimentos sensoriais, tais como: degustação de frutas, cheiros, contato com diferentes superfícies, músicas e imagens. Ao entrar na sala com os olhos vedados, cada criança experimentou uma uva. Era nítida a falta de confiança que cada um tinha, com medo de provar algo que não fosse comestível e “saboroso”. A proposta era que cada um que experimentasse a uva e expressassem uma sensação, palavra ou som. (Aluno 1: “Ecaaaa”; Aluna 02 “É uvaaa”; Aluno 03 “não gostei” e entre outros)



Figura 5- Vítor. Provando a uva. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 6- Desenvolvendo o paladar. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 7- Aluno experimentando a uva. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 8- O medo da aluna. Fonte: Acervo do grupo, 2016.

Após este momento, narramos para os alunos o surgimento do Teatro Ocidental, (lembrando a eles que existiam outros tipos de teatro), através desta experiência correlacionando com o Deus do Vinho e da uva, Dionísio e as festividades e contando um pouco as origens da Tragédia e Comédia e trabalhando o sentido do paladar e concentração ao se movimentarem pelo espaço de olhos vendados.

A necessidade de realizar o exercício de concentração se deu pelo fato de Vítor não conseguir ficar na sala com tantos barulhos. Com isso, percebemos que durante a explicação das atividades todos os alunos ficavam em silêncio, tornando mais fácil a participação de Vítor nos jogos. Em outra atividade intitulada “Floresta do Som”, as crianças poderiam entender as dificuldades de locomoção que o colega Vítor apresenta. Nesse jogo, em dupla, uma das crianças fica de olhos vendados e precisa encontrar o seu parceiro apenas pelo som que o colega produz. Este jogo trabalhou a criação dos sons, atenção, concentração, sentido da audição e confiança.

Após esses experimentos sensoriais, seguimos com o jogo da Dança da Laranja, no qual, em duplas, as crianças tinham que equilibrar uma laranja, sem a deixar cair, dançando de acordo com o ritmo da música. Nesse jogo foram trabalhados os sentidos do olfato.



Figura 9 - Dança da Laranja, trabalhar o olfato. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 10- Jogo do Toque, Vítor “guiando” pelo toque. Fonte: Acervo do grupo, 2016.

Neste dia outras atividades também foram propostas, e Vítor conseguiu participar de todas. Uma conquista significativa, pois no primeiro encontro só havia participado de um exercício.

APRECIACÃO ESTÉTICA: FRAGMENTOS DA PEÇA “Aquilo Que Os Olhos Não Veem”

Levamos para a escola o fragmento do espetáculo “Aquilo Que Os Olhos Não Veem”, com algumas situações de estímulos sensoriais para apreciação das cenas: Da caminhada “Café com Pão”, do Cinema com a Pipoca, do Tapete de Texturas, com Bolhas de Sabão e do Vento, promovendo assim o contato com uma narrativa através dos outros sentidos, para além da visão.

Foi convidada também uma das professoras da turma para participar como espectadora junto às crianças, para que ela pudesse vivenciar a peça e entendesse melhor as limitações de Vítor. Esse, por motivos de saúde, não estava presente.

Após essa experiência foi feita uma roda de conversa para que todos pudessem relatar e descrever suas impressões sobre a peça. Essa roda girou em torno dos seguintes questionamentos: o que viveram era um drama ou uma comédia? Eles eram público ou artistas? Entre outras questões, possibilitando perceberem as características que compõe o Teatro, o Espectador, as diferenças, e as suas Experiências Estéticas.

Além de desenvolverem o seu imaginário criativo, perceberem que mesmo de olhos vendados puderam atuar e observar o Espetáculo além de se emocionarem com os acontecimentos.

Um fato interessante foi o relato da professora da turma Milene Figueiredo, no qual fez o seguinte depoimento após vivenciar o fragmento da peça:

“Eu fiquei um pouco dividida com a minha participação, eu dividi minha participação, um pouco eu fui pessoa normal e professora, enquanto pessoa normal e espectadora da peça, eu fiquei angustiada no momento que eu tinha que me deslocar com o barulho, fiquei perdida, gostei muito de sentir os cheiros e sabores, foi muito legal, mas todo o momento eu fiquei me colocando no lugar de Vítor, porque a gente participou disto e a gente sabia que tudo ia acabar, tirar as nossas vendas e tudo ia voltar ao normal, e Vítor não tem isso! Vítor, vive isto todos os dias durante a vida dele! Quando estava aquela barulheira, eu ficava pensando meu Deus como é que o Vítor consegue se localizar, quando esta aquela barulheira na sala, como

ele fica nervoso, como ele deve ficar angustiado, quando a gente fala no cinema quando a gente assiste a vídeos, ele está ali, não sabe nem o que está acontecendo...”

Esse relato evidencia que a professora refletiu sobre Vitor ao chamar a atenção para o barulho, de suas limitações ao se deslocar pelo espaço e de atividades voltadas para ele. Talvez isso possa ter contribuído para que o aluno não quisesse participar dos exercícios no primeiro dia. Ela ainda destacou a necessidade de reverem as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula com relação ao aluno, pois de acordo com o experimento que vivenciou, possibilitou entender essas dificuldades colocando-se no lugar de Vitor. Isso fez com que todos os colegas refletissem a possibilidade de sempre ajudarem Vítor no que for preciso. Levando em consideração o que a professora falou, abrimos um debate sobre a peça, onde lançamos as seguintes perguntas: O que vocês acharam da peça?; Como foi para vocês vivenciarem este momento? Eles responderam em coro: “Foi difícil!” E perguntamos novamente: E o porquê vocês acharam difícil? Seguem abaixo as respostas de algumas crianças:

Criança 01: “Para gente foi fácil, pois a gente já sabia o que era, mas para o Vítor não, ele tem que imaginar o que é, por exemplo: eu fecho os meus olhos e toquei na mesa, porque eu sei que é mesa, eu já vi a mesa, ele tem que imaginar”. Neste momento a estagiária ressalta que é um modo diferente de imaginar, pois durante a peça todos também estavam imaginando.

Criança 02: “Ele também não enxerga como todo mundo, ele enxerga pelo tato”, ao serem indagados pelo estagiário: “O que vocês achavam bom quando acontecia, por exemplo?” a mesma aluna respondeu: “Eu senti um cheiro meio amanteigado de pipoca”. Criança 03: “Eu senti o Vento!”, Criança 04: “Eu percebi que passei por cima de um saco!”, Criança 01 “a gente estava num trem, depois fomos para o cinema, depois a gente pegou outro trem foi para a casa da avó dele, depois chegamos numa floresta, depois pegamos outro trem”, é interrompida pela Criança 05, que a corrige e diz: “Pegamos um navio!” E a Criança 01, retorna e confirma: “É pegamos um navio, depois outro trem para vim para cá”, (apontando com as mãos a sala de aula, deixando claras as relações entre a fantasia e a realidade). Criança 06: “Eu voei”, Criança 07: “Eu voei também”, Criança 08: “Eu imaginei que tinha as asas”, Criança 09: “Eu imaginei, o pássaro que eu imaginei era verde”, Criança 10: “Eu senti as formigas!” Criança 02: “Eu acho que era orégano... não deu para a gente assistir o filme, a gente teve que acompanhar ele” (era o personagem cego da peça, o João). A Criança 11: “Eu acho que era arroz, pois era grande demais” Criança 12: “Teve algo que me picou na estrada”.

Ao serem indagados pelo estagiário: “E isso que vocês fizeram, era Teatro”? As crianças responderam: Criança 13: “Era teatro, vocês estavam atuando e a gente estava observando, em vês de usar os olhos a gente usava os ouvidos”. Criança 01: “Vocês fizeram uma peça, mas a gente não podia ver então a gente teve que identificar o tempo todo, cheirou a fruta” Criança 14: “Eu quero que todo mundo venha de sunga e biquíni e que traga um balde de água para derramar na gente de olhos vendados!”.

Foi possível perceber, através destes depoimentos dos alunos, algumas possibilidades de construções das ideias de público/plateia - jogo teatral/jogo dramático nesta apreciação de olhos vendados. A atividade também possibilitou uma apreciação estética, diferente do que eles eram acostumados a participar. Diante destas experiências vividas pelas crianças na apresentação da peça, nos leva a pensar as ideias de O Espectador Emancipado:

O espectador deve abster-se do papel de mero observador que permanece parado e impassível diante de um espetáculo distante. Ele deve ser arrancado de seu domínio delirante, trazido para o poder mágico da ação teatral, onde trocará o privilégio de fazer as vezes de observador racional pela experiência de possuir as verdadeiras energias vitais do teatro. (RANCIÈRE, 2010, pag. 110).



Figura 11-Tapete de sensações. Fonte: Acervo do grupo, 2016.



Figura 12- A peça “Aquilo que os olhos não veem”. Fonte: Acervo do grupo, 2016.

TEMA DA TURMA SE TRANSFORMANDO EM JOGO

Para abordar a temática da Revolução Francesa no que diz respeito a “Igualdade, Fraternidade e Liberdade” utilizamos a perspectiva Jogos Teatrais que perpassem tais ideais. Exemplo disto, foi quando de olhos fechados e em silêncio, eram criados códigos: um aperto de mão; um abraço ao colega do lado; e assim sucessivamente, até que passasse por todos e voltasse para aquele que iniciou, para assim extrair a ideia de fraternidade, o trabalho com o Tato e concentração.

Assim incorporamos o Jogo do Cardume, no qual todos tinham que caminhar seguindo o primeiro da fila, começando assim por Vítor, para que todos pudessem segui-lo, e sucessivamente foi trocando o lugar do condutor e trabalhando a ideia de Igualdade em que todos têm o seu momento de assumir o papel de protagonista.

O jogo por si só proporciona um crescimento pessoal para o aluno e é perceptível que na prática, “o jogo teatral como ferramenta pedagógica, objetiva o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos alunos, por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral numa perspectiva lúdica, de improviso” (NEVES, 2006, p. 24). Ou seja, de acordo com toda experiência do jogo, o jogador (aluno) pode absorver conhecimentos para sua formação escolar quanto social, pois trabalhamos em cima da inclusão e a vida em sociedade.

AVALIAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO VIVIDO

A princípio partimos do processo de avaliação reflexiva onde após a prática do dia, as crianças pensarem as seguintes questões:

- O que eu já sabia que aprendi hoje?
- O que eu não sabia e que aprendi hoje?
- E o que eu posso levar para a minha vida?

Que através das anotações escritas, posteriores às suas experiências, refletiam sobre as suas práticas ao participarem dos jogos.

Deixamos as crianças livres para registrarem suas impressões, tanto por desenho como pela escrita. Assim, os depoimentos tornaram-se mais criativos.

As crianças apontaram os seguintes aprendizados:

- Aprendeu que tem que ter confiança no colega;
- Todo mundo pode atuar;
- Teatro surgiu na Grécia;
- O jogo ensina alguma coisa basta prestar atenção;
- De olhos fechados também pode ver teatro através de outros sentidos;
- Tem que ajudar as pessoas quando precisam;
- Podem ajudar a transformar a sociedade;
- Com a imaginação podemos construir histórias;
- Igualdade, liberdade e fraternidade é o lema da Revolução Francesa;
- Devemos ajudar a quem tem deficiência;

Em suma, todos eles já tinham certo conhecimento prévio com relação à solidariedade, em ajudar ao próximo, mas não praticavam e não refletiam sobre, embora apontem esses ensinamentos como algo que deve ser levado para a vida.

Percebemos, através das falas das crianças nos momentos da roda final, que elas conseguiram atingir os objetivos propostos para as atividades. Com relação às professoras, podemos perceber que elas estão abertas a novas ideias e práticas em relação à inclusão de Vitor, pois sempre estiveram presentes, ajudando nos desenvolvimento das atividades.

Nessa perspectiva, a metodologia adotada para elaboração deste artigo foi o relato de experiência, que, segundo Shön (2001), a partir de um ensino reflexivo é possível ensinar e aprender, possibilitando aos envolvidos uma reflexão sobre as suas práticas, construindo seu próprio conhecimento. Filiamo-nos, também, às contribuições de Freire (2002), que discute sobre a educação, ressaltando o poder que o aluno tem de ler o mundo e o poder de transforma-lo por meio da sua consciência de si, do outro e dos processos naturais, sociais, éticos e estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apontamos a necessidade do professor em estar atento para a utilização correta do jogo Improvisacional, problematizando as situações apresentadas em cena, tentando construir conhecimento, pois, durante a execução do exercício, os alunos trazem questionamentos e novos elementos para a cena, não planejados pelo professor.

Os jogos Improvisacionais e Sensoriais podem ser utilizados como ferramenta pedagógica de ensino de Teatro, estimulando os sentidos dos alunos na sua ampliação de percepção, bem como ajudam no desenvolvimento da liberdade artística, na autonomia, na criticidade e no

trabalho colaborativo.

Com relação ao ensino inclusivo, adotamos em algumas atividades as vendas, com o objetivo de ampliar a percepção dos alunos para uma possível apreciação estética, a partir de estímulos dos outros sentidos, (tato, olfato, audição e paladar).

Apontamos a relevância deste trabalho no âmbito do Ensino Fundamental, que se propõem a pensar uma proposta de trabalho inclusivo, na medida em que os relatos aqui apresentados possam servir com objeto de reflexão acerca dos problemas encontrados dentro das escolas. Enfatizamos, nesse trabalho, processos de ensino que busquem perceber aspectos da inclusão de todos os envolvidos, por meio de abordagens metodológicas de ensino interdisciplinar, propiciando ainda processos de criações e transformações sociais.

Esse relato de experiência nos permitiu perceber que, a partir dos desafios encontrados em sala de aula, através de uma metodologia de Ensino Teatral através de Jogos Improvisacionais e Sensoriais, pudemos abarcar não só esta criança, mas construir uma relação de igualdade, levando em conta todas as singularidades da turma.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAIADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola**: lembranças e depoimentos. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: PUC, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Obra digitalizada pelo Coletivo sabotagem, 2002.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade a patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NEVES, Liberia Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação**: uma prática pedagógica e uma prática subjetiva. Dissertação [Mestrado em Educação], Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. Uma aventura intelectual. In: RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 17-38.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**, Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Volume 1, Número 15, Programa de Pós-Graduação em Teatro do CEART UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2010. p. 107-122

RANGEL, Sônia Lúcia. **O papel do professor de Teatro na educação brasileira contemporânea**. IN: BEIGUI, Alex (org.). Caderno de LINCC: linguagens da cena contemporânea. V.1.n.1. Natal: EDUFRN, 2007. P. 64-86.

SHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: perspectiva, 2011.